

RESUMOS/

ABSTRACTS

Ana Gabriela Macedo

Virginia Woolf: Poéticas Visuais e a Política de Visibilidade

Neste artigo procuro centrar-me no intertexto do mundo visual e da palavra visual na poética de Virginia Woolf, nomeadamente no que diz respeito ao seu compromisso para com a expressão da realidade e da vida como "o halo luminoso", e na influência do Pós-Impressionismo na sua escrita.

Abordarei também a questão de Virginia Woolf enquanto "mito de celebridade" como ícone pós-moderno, juntamente com os perigos da sua legitimação enquanto pós-feminista "avant la lettre". Analisarei ainda a sua relação ambivalente com a fotografia (como modelo e como fotógrafa amadora), isto é, o seu entendimento da "câmara como arma de agressão", paralelamente com a sua obsessão por fotografias de família e álbuns. Assim, a importância que o legado da fotografia como arte teve na sua vida será encarada como desafiando directamente a sua longa demanda em vida pela identidade e a sua representação na ficção através da criação de personagens ("Tolerar o espasmódico, o obscuro, o fragmentário, o hiato").

>>

Ana Luísa Amaral

Beyond Centres and Margins: Writing the Body in Women's Writing

Feminist theory has argued that there is a "woman" identity, which is constructed through discourse, also being an object of political representation. However, if *politics* and *representation* are, in themselves, controversial terms, the category "woman" is also an unstable concept, with multiple meanings, that inevitably imply the notion of a sexed body as a surface or a place for cultural inscription of what then becomes, in this case, the "feminine body" and its image (Butler, 1990). Body images are affected both by psychological changes and physiological ones (Grosz, 1994); thus, Husserl's distinction between "Körper" (physical body and its scientific description) and "Leib" (lived body and its experienced description) has been challenged by theories that underline the fact that if the organic does not totally dissolve into the cultural, it is also located in a net of cultural meanings (Welton, 1998). These cultural meanings challenge the existence of a stable identity and, thus, of the images of the "feminine body" and the production of a specifically female discourse. It will be this perspective, borrowed from *queer* theory, that I will follow in this essay, starting from a poem by Adelia Prado "Com licença Poética" (1976), to which I will try to apply the notion of "desdobabilidade" ["unfolding"] of the "feminine body" to the body of the poetic writing by women.

Ana Paula Coutinho

Fictional Writing of Portuguese-descendants and Hybrid Identities

This essay will focus on some questions related to the equation between Literature and Identities in a multicultural context, focusing on the problematization and analysis of fictional writing by Portuguese-descendants, which, by their characteristics, stands as examples of interculturality.

Taking literary texts as one of the possible, and symbolically, nevralgic, *loci* for "identitary strategies", fictional modes of construction of "hybrid identities" will be highlighted in the works of Katherine Vaz, Erika de Vasconcelos, Brigitte Paulino Neto and Alice Machado.

Gonçalo Vilas-Boas

The Minotaur and the Contemporary Labyrinths

In the sequence of the study I have been developing, it is my purpose here to deal with the mythologeme of the Minotaur and its actuality. After a brief presentation of the active reception of the Minotaur through the times, with special relevance for the twentieth-century, I will analyze three recent novels: *The Minotaur Takes a Cigarette Break* (2000), by the North-American writer Steven Sherill, *Das Versteck des Minotaurus* (2001), by the German writer Undine Gruenter, and *Le Souffle du Minotaure* (2002), by the French writer Anne Parlange. It becomes explicit that the symbolic image of the Minotaur, in its negative dimension, has prevailed, in spite of some incursions in other symbolic fields. It also becomes clear that the symbol sometimes frees itself from the original narrative, keeping, nevertheless, and always, an elyptical relation with the other text(s).

>>

Helena Carvalhão Buescu

*The Game in the World: Identity and Representations of the Other
(The Player by Dostoievski)*

What role does play/game represent in the world? To what premises do the rules of the games we play reply? In which way does playing imply a reflection on the conditions, the limits and the frontiers of identity? Some of these questions (and others) are here discussed, departing from Dostoievski's *The Player*. Because, when one plays, one is aware of both responsibility and transgression, Dostoievskian fiction presents itself as a place where, in a transparent way, the relations among the self, the other and the cosmos influence our ideas on literature and identity.

Isménia de Sousa

***The mythical writing in Cien Años de Soledad,
by Gabriel García Márquez***

In *Cien Años de Soledad* (C.A.S.), the reader takes conscience, little by little, of a universe narrated like an image or cosmic vision, by way of departing from two parallel processes: the passage from the objective real to the imaginary real (or the opposite) and the transition from the particular to the general (or conversely).

In the world of the Buendía, we may witness, in a deflected way, the mythical vision of the childhood of García Márquez, after the literary conquest of the time and space in the novels which had preceded C.A.S.. For the author, C.A.S. is "una novela disparatada", less organized by the logic of a rational and conscious thought than by the logic of the image and of the mythical conscience.

308>309

Jean-Michel Maulpoix

Lirismo e identidade

Partindo da reflexão sobre a identidade desenvolvida pelo filósofo Paul Ricœur em *Soi-même comme un autre*, e desenvolvendo igualmente uma reflexão pessoal iniciada em 1998, no ensaio crítico *La poésie comme l'amour* (Mercure de France), Jean-Michel Maulpoix interroga as relações entre poesia e identidade, não sob o ângulo de uma qualquer pertença nacional ou outra, mas antes valorizando o modo como o *ipse* (o singular) e o *idem* (o semelhante) são contraditoriamente solicitados pela escrita poética. A poesia exprime o *íntimo* tal como ele é trabalhado pela alteridade. Diz o *próprio*, através dessas figuras da similitude que são as metáforas, os tropos. Direciona o *íntimo* aos semelhantes, sob a forma do dom, do sacrifício e do espelho. A poesia articula uma dupla linguagem que diz "eu" através de um "tu" e onde o "eu" não parece poder apreender-se a si mesmo, a não ser através do desvio para e pelo outro.

O que resta, então, da manutenção de "si" na poesia dita lírica? Que estabilização dos seus próprios traços pode esperar aquele que afirma, com Rimbaud, "Je est un autre"? Em que fiabilidade ética pode apoiar-se o poeta que se sente tentado pelo desejo de um lugar outro e pela "vida verdadeira"?

João Ferreira Duarte

"We'll cut your tongue": Lady Chatterley and her Lover in Portuguese

As a fact of the target culture, translation is active in the construction, deconstruction, and reconstruction of identities. Importing a foreign text involves always a confrontation with the Other whose potential threat must be forestalled and made to endorse a given agenda or state of affairs. In the field of translation studies, research work by Annie Brisset, Clem Robyns, and Lawrence Venuti, among others, can be brought up in order to substantiate this thesis.

This process has been called "domestication". Traditionally, one of the most effective means of domesticating alterity is censorship, whether of a political, ethical or religious nature. In this theoretical (and rhetorical) context, my paper presents a case study in "cutting tongues", that is, in the domestication of D. H. Lawrence's novel *Lady Chatterley's Lover* by its Portuguese translators. It will be shown how Lawrence's "phallic language" is radically censored and what target-culture factors can account for it.

>>

Manfred Schmeling

A hibridização cultural do sujeito e suas consequências estéticas no romance contemporâneo

A discussão acerca da identidade e da não-identidade do sujeito, essencialmente um problema da consciência contemporânea, tem lugar sobretudo no discurso filosófico ou sociológico. Tal é igualmente válido para o eu culturalmente descentrado focalizado pelos Estudos Culturais pós-coloniais (cf. os trabalhos de Homi K. Bhabha). Aquilo que, pelo contrário, tem permanecido na sombra é a questão da construção estética do sujeito híbrido, bem como a do modo como este se enraiza em duas ou mais culturas. Tomando como ponto de partida a evolução do romance, é possível provar que o sujeito da consciência (o autor, o narrador, a personagem) se move ainda de forma relativamente coerente entre as dicotomias polarizadoras (*ego/alter*, aqui/ali, pátria/estrangeiro), enquanto, em condições de nomadismo cultural, e devido à pressão da memória cultural que a elas se associa, este se descentraliza progressivamente. Como se exprime este fenómeno ao nível narratológico, por exemplo na gestão do tempo e do espaço, na escolha da perspectiva narrativa ou das formas de comunicação linguística? (Exemplos: Rushdie, Chamoiseau, Ya Ding, Djébar, Özdamar, etc...)

Manuel Gusmão

If she is Heathcliff, who am I?

How can we understand the famous sentence of Catherine Earnshaw – “I am Heathcliff” – in *Wuthering Heights*? As the eclipse of a subject engaged in the process of naming her object of desire? As the expansion of a subject who appropriates, or devours, her other? As the desire of fusion, familiar to us, from that point where the experience of the Eros meets the mystical experience, such as it is expressed in the poetry to the divine? Georges Bataille says that the sentence is decisive: decisive in relation to what? In the question of my title, “I” is the reader, the one who responds to that series of questions (if there are no more). The question, then, implies not only a way by which writing may be a figuration of reality, but also its consequence in the reading.

Manuel Ribeiro

Literature and Legitimization

This essay is an account of my research activity carried on in the last years, which focused on the study of a corpus of literary reviews in French and British magazines and newspapers. The aim of this research was to describe, compare and evaluate the discursive strategies common to different interpretative communities, from different European cultures.

Maria de Fátima Outeirinho

Representations of the Other in the Narrative of the Nineteenth-Century

By way of adopting an imagological perspective, I will try to equate the role, in the nineteenth-century, of the Portuguese travel fiction, in what concerns the production, reproduction and diffusion of the representations of the Other, based on a process of alterity, while, at the same time, promoting a reflection on national identity.

Paulo Eduardo Carvalho

A skull where? Beckett, Ireland and two Portuguese translations of Godot

This paper starts by a presentation of the main principles that have been conducting my research on the presence of Irish contemporary drama in the Portuguese theatre. Critically subscribing to Lawrence Venuti's influential work on the role of translation in the formation of cultural identities – based on his remark that “notwithstanding the fact that translation is summoned to address the linguistic and cultural difference of a foreign text, it can just as effectively foster or suppress heterogeneity in the domestic cultures” – this research has been trying to identify the different discursive strategies, the institutional contexts and the social and cultural functions of several Portuguese translations of Irish contemporary drama performed in Portugal between the 1950's and the 1990's.

The second and third parts of this paper are dedicated to the discussion of a case study around the problematic Irishness of Samuel Beckett and of a play like *En attendant Godot/Waiting for Godot*. The idea is not only to explore the complex multicultural identity enacted by the playwright within the history of western drama in the second half of the 20th century, but also to consider the ways his work is being reclaimed to the context of a specifically Irish tradition. The comparison of some passages of the French and English “originals” of *Godot* with the solutions presented by the only two published Portuguese translations of that play – one from the late fifties, after the French version, the other from 2000, after the English one – will allow us to assess the ways the Portuguese rewriting of *Godot* seems to keep on ignoring a revealing cultural and political dimension of Beckett's *oeuvre*.

>>

Paulo de Medeiros

A Vida Secreta dos Simulacra

Este ensaio parte de considerações desenvolvidas por José Saramago no seu último romance *O Homem Duplicado* (2002), relacionando-as quer com outros romances de Saramago, onde é central a questão dos *simulacra* na organização social e na ordem política – como *Todos os Nomes* e *A Caverna* –, quer com textos-chave para a elaboração da identidade individual e colectiva. Assim, explorarei a condição dos *simulacra* na era do capitalismo tardio, da sociedade pós-moderna e pós-industrial, tal como eles se relacionam com temas fundamentais para a construção da identidade.

Rosa Maria Martelo

*Modernity and Common Sense: Lyricism
in the end of the twentieth-century*

After giving some examples of protocols of reading in Romantic and Modern texts and paratexts, by way of showing that the rejection of established poetics continues to presentify them as *common sense* reading patterns, I will try to demonstrate that the protocols of reading in Romanticism usually presuppose a concept of poetry which exceeds the poem itself, while Modernity does not allow for the maintenance of this concept.

The poetry produced in the last quarter of the twentieth-century tends to recuperate that Romantic perspective, although in different modes and for different reasons — as may be seen in the conceptions of poetry in authors like Joaquim Manuel Magalhães, Juan Luis Panero, Jean-Claude Pinson and Felipe Benítez Reyes. In fact, the protocols of reading instituted by the poetry of Modernity are now seen as reading strategies inculcated in the contemporary reader, even when what is demanded from this reader is poetry seen as a "way of living" (Pinson). In the context of an identity *de-facement* (De Man), understood as a *common sense* experience, the poetic presence of that *de-facement*, treated in a "realistic" mode, approaches the contemporary poets to the tradition of Modernity, while, at the same time, allows for a renovation of the poetic discourse, through which these poets may move from the abstractionism and the impersonality which were part of the Modern expression of identity *de-facement*.

Theo D'Haen

Identidades Europeias, Teorias Americanas?

Neste ensaio, tentarei provar que, no último século, os Estudos Literários, ao escolherem abordagens paradigmáticas e os termos periodológicos concomitantes, têm estado dependentes das necessidades determinadas pelos Estados Unidos. Isto é um facto, até no que diz respeito ao estudo da(s) literatura(s) europeia(s). Podemos nós, devemos nós, fazer reverter esta tendência?

Vita Fortunati

Memória e Esquecimento na Ficção da Guerra Europeia

Neste ensaio pretende-se estudar os problemas relacionados com os termos "ficção de guerra" e "testemunho", analisando exemplos retirados de narrativas da Primeira e da Segunda Guerras Mundiais. Relativamente aos textos da Primeira Guerra, optei por me afastar significativamente da maioria dos trabalhos escritos com o objectivo de consolidar o mito da Grande Guerra. Efectivamente, esses textos representam uma denúncia crítica, anti-militarista e anti-retórica da guerra e nunca a sua apologia.

A escrita testemunhal está sempre relacionada com a questão da ética daquele/a que presta testemunho. Isto porque o relato do que foi testemunhado implica que a testemunha recorde e investigue a verdade contida no acontecimento. A escrita testemunhal está intimamente ligada não só à experiência autobiográfica dos escritos mas também ao difícil e complexo processo da rememoração, que implica uma participação emocional intimamente relacionada com a mente e também com o corpo.

Os romances europeus sobre a Grande Guerra confirmam a hipótese apresentada em muitos dos livros históricos e culturais, segundo os quais é difícil não só testemunhar, mas ainda escrever sobre a guerra. Esta tensão dialéctica entre a vontade de testemunhar e a consciência dolorosa de que a linguagem é insuficiente torna-se ainda mais trágica quando nos lembramos dos inúmeros escritores pacifistas e anti-militaristas que decidem participar na Primeira Guerra Mundial precisamente porque a ideia de que a literatura poderia coincidir com a vida estava em crise.

Quando se compara os textos testemunhais das duas guerras, uma das maiores diferenças é que a Primeira Grande Guerra foi uma guerra lenta, travada nas tricheiras, e na qual a experiência de exaustão do indivíduo é central, ao passo que a Segunda Guerra foi uma guerra de movimento, que envolveu também a população civil. O "mito" da experiência de guerra é, portanto, menos importante, e o que parece prevalecer é uma maior consciência do reflexo do testemunho pessoal como acto de escrita. No que diz respeito à Segunda Guerra, escolhi dois exemplos, o de Italo Calvino, centrado na guerra dos Partisani, e o de Primo Levi, relativo ao Holocausto.